


# Educação com Arte



Ana Cristina Monteiro Cezar



# Educação com Arte

Ana Cristina Monteiro Cezar

Rio de Janeiro

1995

# Educação com Arte

Ana Cristina Monteiro Cezar

Monografia apresentada  
ao Curso de Licenciatura Plena  
em Pedagogia como requisito  
parcial para a obtenção do Grau  
de licenciado.

Rio de Janeiro

UNI-RIO

1995

Dedico esta Monografia aos meus pais, **Orlando Cezar Filho e Vilma Monteiro Cezar**, que sempre me ensinaram a enfrentar a vida de maneira alegre e criativa; e, que nos momentos mais difíceis estavam ao meu lado me incentivando a superá-los.

Agradeço aos professores que caminharam ao meu lado durante toda minha vida escolar (em especial aos professores **Roberto Fernando Leão Velloso Ebert** e **Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite**), nunca deixando faltar uma palavra de afeto e de sabedoria.

Ao meu marido **Fernando Paulo Henriques Leão Velloso Ebert** que me apoiou de forma inimaginável durante o Curso de Pedagogia, compreendendo minhas ansiedades e impaciências, tendo em todos os momentos atitudes de carinho e amor.

Agradeço especialmente à Professora **Tânia Jatobá** que tornou possível a realização deste trabalho, assim como a conclusão do Curso de Pedagogia.

louvo sua admirável competência profissional, sua capacidade notável de encaminhar de forma carinhosa esta difícil relação entre professor e aluno e lhe agradeço a segurança transmitida nos momentos mais delicados.

Obrigado por aceitar o convite de ser a minha orientadora, e assim ter-me concedido a honra e o prazer de conviver lado a lado de uma pessoa maravilhosa e com uma mente brilhante.

*“A arte concebida como meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante - trata-se de uma idéia que contém o reconhecimento parcial da natureza da arte e da sua necessidade. Desde que um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que o circunda não pode ser previsto nem para a mais desenvolvida das sociedades, trata-se de uma idéia que sugere, também que a arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária.”*

Ernest Fischer

# Sumário

- 1 - Introdução
- 2 - O Ensino de Artes
- 3 - O que é Criatividade
- 4 - Incentivando a Produção Criativa
- 5 - Uma Proposta Coerente
- 6 - A Teoria
- 7 - A Prática
- 8 - Experimentando
- 9 - Avaliação da Experiência
- 10 - Arte-Educação ou Educação com Arte: O Caminho
- 11 - Bibliografia



# 1 - Introdução

Esta Monografia tem como tema a **Educação com Arte** como proposta pedagógica, um caminho criativo para a solução de problemas educacionais.

Seu principal objetivo é usar a Arte como **fundamento** e como **meio** no processo educativo. Para tal realização, se faz necessário atingir objetivos específicos, como: a estimulação da capacidade criativa latente em cada indivíduo; a valorização da auto-estima; a conscientização da necessidade do respeito mútuo; o desenvolvimento da socialização; o incentivo à concentração; o crescimento da motivação tanto para a escola, como para a vida; a criação de condições para o ato de perceber e de imaginar; e, após tudo isso, a transformação do aluno em um indivíduo crítico.

Partindo da minha experiência como Professora do 1º segmento do 1º Grau, nas escolas do município do Rio de Janeiro, pude perceber a grande dificuldade existente em despertar nos alunos esses valores. Este fato me chamou a atenção, e desde esse momento, procurei utilizar outros métodos de ensino, outros elementos de motivação, outras táticas de relacionamento. Entretanto, foi através de conversas com outros colegas de trabalho que constatei que esses problemas são comuns nas diferentes escolas e séries. Como resolvê-los? A resposta que eu encontrei foi a **Educação com Arte**.

O contato diário com os problemas detectados e as sucessivas tentativas de superá-los justificam plenamente todo e qualquer esforço neste sentido. Por isso, fiz minha opção: a Arte pelas artes, para atingir os objetivos educacionais mais restritos.

O caminho percorrido até aquela resposta está descrito, a seguir. A metodologia adotada teve origem numa *praxis*, cujo início se deu no Curso de Formação de Professores, seguido do curso de Especialização na Pré-Escola, de cursos de curta duração em diferentes setores da área pedagógica e, finalmente, no Curso de Pedagogia. Além disso, estágios de

03 anos em escola do 1º segmento do 1º Grau, e de 01 ano em escola de 2º Grau; e de 05 anos como Professora regente (sendo 03, em escola pública).

Fazendo uso dessas experiências educacionais, fui refletindo sobre o problema que me angustiava e, amadurecendo a reflexão, busquei o necessário apoio teórico, através de uma pesquisa bibliográfica conseqüente.

Essa pesquisa teórica subsidiou uma posterior pesquisa de campo, na qual procurei aplicar, em crianças da rede pública municipal de ensino, o que formulara como hipótese. Os resultados dessa combinação entre teoria e prática estão registrados no final deste trabalho, à guisa de conclusão (último capítulo).

No mais, o seu desenvolvimento está estruturado em 10 capítulos, obedecendo a uma ordenação tal que lhes confere unidade, sem ferir sua autonomia (respeitando, portanto, a sua diversidade).

Além deste capítulo introdutório, o capítulo 2 faz a revisão da literatura de fundamentação teórica; o terceiro capítulo está centrado no conceito de “criatividade”; o capítulo seguinte focaliza a questão da

produção criativa na escola; o capítulo 5 configura uma proposta pedagógica; o sexto, coloca os pressupostos teóricos da escola desejável ao mesmo tempo em que analisa a realidade brasileira; o capítulo sete, norteado por aqueles pressupostos teóricos, apresenta uma experiência concreta, que será detalhada no capítulo posterior e avaliada no seguinte; finalmente, o capítulo 10, demonstra a realização da teoria abraçada por este trabalho.

## 2 - O Ensino de Artes

*“É preciso escolher entre uma escola na qual seja fácil aos professores ensinar, e uma escola na qual seja fácil aos alunos aprender.”*

Tolstoi

De acordo com Thomas Hudson, todo ser humano possui características essenciais inatas de um artista, e o desenvolvimento das mesmas depende dos incentivos que forem oferecidos aos indivíduos, cabendo à Escola o papel de auxiliar no desenvolvimento da potencialidade criativa de seus alunos, mostrando que o Homem, ao desempenhar qualquer função, pode e deve trabalhar com a imaginação e a criatividade. O grande

problema é encontrar escolas e professores que percebam essa necessidade e tenham condições de estimulá-la.

As escolas têm que alterar, superando-a, a concepção da educação artística como disciplina obrigatória, que é baseada fundamentalmente no ensino de técnicas de artes. A superação desse conceito implica no incentivo à produção criadora e na estimulação ao pleno uso dos sentidos, transformando-o numa filosofia para a formação do homem, numa pedagogia com liberdade de olhar, utilizando a disciplina como objeto de integração entre as demais, auxiliando no desenvolvimento e na compreensão estrutural de todas as coisas, percebendo que não deve existir arte na educação e sim Arte-Educação.

Segundo Durmeval Trigueiro Mendes, o fazer é a experiência que vem da percepção e se materializa na criação. O nosso fazer sempre deriva do nível da nossa experiência; por este motivo se dá tanta importância à experiência, seja ela qual for. Para ele, a educação é, filosófica e sociologicamente, criatividade. Todo homem possui como condição existencial a criatividade: esta não é especialização nem privilégio de ordem social, econômica, política ou ainda cultural. Desta forma, não cabe à escola utilizar-se da discriminação ou paternalismo, justificados pela

falta de condições de seus alunos, e sim, explorar e desenvolver a capacidade criadora latente em cada um deles. O professor precisa ensinar a ver, a ouvir, a tocar, a cheirar, a expressar, não só com a fala, mas com todos os outros sentidos. Devemos sentir com o corpo como um todo, pois “Nada está na inteligência que antes não tenha estado nos sentidos.” (Stº Tomás de Aquino)<sup>1</sup>

Herbert Head também afirma que a educação não deve partir da abstração, e sim fluir através dos sentidos. As escolas deveriam preocupar-se mais com as emoções e com o aprimoramento da percepção das sensações dos seus alunos, sendo a arte a melhor forma de desenvolver a consciência humana.

Platão afirma que as artes possuem, no mais alto grau, o poder de penetrar a alma e atingi-la fortemente, trazendo consigo harmonia e transmitindo-a. Ele não quer que seja concedido um maior espaço às artes, mas sim que as artes sejam as próprias bases da educação.

---

<sup>1</sup> MENDES, Durmeval Trigueiro. Realidade, experiência, criação. In: *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. 130, v.59. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1973. p.240.

Se é tão evidente que esse é o tipo de educação capaz de desenvolver completamente o indivíduo, por que não se faz dessa forma? Será que essa educação não convém à sociedade? Pelo menos a uma parte da sociedade não: indivíduos plenamente desenvolvidos, criativos, são mais capazes de questionar e de ameaçar os poderosos. Por isso, não podemos esperar uma profunda mudança educacional; é preciso ter paciência; cada pai e cada professor que acreditem na Arte-Educação, devem conduzir um número cada vez maior de crianças por este caminho.

A Arte deve ser valorizada como a expressão da própria vida. A criança tem que ser atendida de maneira mais integral, deixando de lado o aluno das técnicas de arte, para dar lugar ao Homem que realiza, através da educação, as potencialidades do Ser criador. É pela Arte, que o aluno descobre a alegria de criar, na tentativa de **superar-se**, realizando-se ao descobrir que existem respostas positivas às situações da vida. Nesse clima de liberdade, o aluno adquire o espírito de ordem e disciplina interior, a Arte torna-se fator de ajustamento ou reajustamento.



### 3 - O que é Criatividade

*"Criar é expressar o que se tem dentro de si."*

Matisse

Etimologicamente, a palavra criatividade está ligada ao termo criar: "Dar existência, sair do nada, fixar relações até então não estabelecidas pelo universo do indivíduo, visando a determinados fins."<sup>2</sup>. Entretanto, existem diversas definições, que podem ser enquadradas em quatro categorias segundo o objeto a que se referem:

---

<sup>2</sup> MIRA, Maria Helena Novaes. Análise do comportamento criativo. *IN: Revista brasileira de estudos pedagógicos*. 130, v.59. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1973. p257.

- a) à pessoa que cria (temperamento, traços, valores, atitudes);
- b) ao processo criador (pensamento criativo, motivações, percepções);
- c) ao produto criado (invenções, obras artísticas, inovações científicas);
- d) às influências ambientais (condicionamentos educativos, sociais e culturais).

Seguem agora as definições de alguns autores a respeito da criatividade:

Criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas nos conhecimentos, e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses,

possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados. (Torrance)<sup>3</sup>

Criatividade pode ser considerada como uma forma de solucionar problemas, envolvendo saltos intuitivos ou uma combinação de idéias de campos largamente separados de conhecimentos. (Gagné)<sup>4</sup>

Criatividade é o processo de se formar idéias ou hipóteses, de testar hipóteses e de comunicar resultados, pressupondo que o produto criado, seja algo novo. (Thustone)<sup>5</sup>

Criatividade num sentido restrito diz respeito às habilidades, que são características dos indivíduos criadores, como fluência, flexibilidade, originalidade e pensamento divergente. (Guilford)<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> In: MIRA, Maria Helena Novaes. *Opus cit.* p 258.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

Criatividade como emergência de um produto relacional novo, resultante por um lado, da unicidade do indivíduo e, por outro, dos materiais dos eventos de outros indivíduos e das circunstâncias de sua vida. (Carl Rogers)<sup>7</sup>

Criatividade como processo de mudança, de desenvolvimento na organização da vida subjetiva. (Ghiselin)<sup>8</sup>

Criatividade como a descoberta e a expressão de algo que é tanto uma novidade para o indivíduo criador, quanto uma realização por si mesma. (Margaret Mead)<sup>9</sup>

No pensamento criador a pessoa pensa simultaneamente em mais de um plano de experiência, ao

---

<sup>7</sup> In: MIRA, Maria Helena Novaes. *Opus cit.* p 258.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

passo que no pensamento comum segue caminhos usados por anteriores associações. (Koestler)<sup>10</sup>

Quando falo em criatividade, posso abranger quase todas essas definições, já que criatividade é algo bastante amplo. Tendo em vista que todo indivíduo é um ser potencialmente criativo, não é necessário que ele produza algo novo, mas sim, que altere, dentro das suas necessidades, o que já conhece ou o que já existe, para poder se expressar e realizar algo que o torne um ser feliz. Para que se possa criar, é necessário que haja primeiramente, um impulso que esteja ligado a uma necessidade, que deve passar a investigação até chegar a uma realização.

A atividade criadora traz ao indivíduo uma maior independência interna e a auto-confiança, e há uma grande estimulação de suas aptidões, levando ao conhecimento de seus limites e características individuais. Ora, não é esta a proposta pedagógica moderna, segundo a qual se deve partir das necessidades e experiências prévias dos alunos, auxiliando-os na busca de seus próprios caminhos, sem dar-lhes as respostas prontas? Não queremos tornar nossos alunos independentes e trazer de volta sua auto-estima (principalmente em escolas mais carentes)? Não é

---

<sup>10</sup> In: MIRA, Maria Helena Novaes. *Opus cit.* p 258.

importante ao indivíduo o conhecimento de suas características e de seus limites para que os possam desenvolver plenamente, sem se tornarem pessoas frustradas?

Ao respondermos afirmativamente a essas perguntas, coloca-se, de pronto, uma questão decorrente: como viabilizar tais propostas? Uma via possível - e talvez de mais fácil acesso - é a Arte-Educação. O trabalho de Arte-Educação propicia o desenvolvimento da criatividade do indivíduo, capacitando-o a enfrentar melhor a vida, já que uma pessoa criativa tem mais condições de resolver problemas em situações extremas, adaptando-se com melhor desempenho às dificuldades do dia-a-dia; atingindo, assim, com muito mais desenvoltura, àqueles objetivos pedagógicos propostos.

## 4 - Incentivando a Produção Criativa

*“Como é possível sendo as crianças tão inteligentes e criativas, tornarem-se homens tão estúpidos?”*

Alexandre Dumas

Para que possamos analisar melhor o pensamento criativo, devemos destacar os seguintes aspectos: atitudes do indivíduo em relação ao seu Eu; condições de desenvolvimento pessoal; nível de integração ao meio; capacidade de auto-realização e autonomia de ação; percepção apurada da realidade; controle das potencialidades e do meio ambiente.

É sempre bom lembrar que todos os indivíduos, sem excessão, têm um potencial criador inato, a diferença está nos diferentes níveis de intensidade em que esta potencialidade pode ser desenvolvida. A estimulação do potencial criador precisa ser favorecida, devendo ser dado incentivo às idéias originais, à expressão das experiências, à aprendizagem pela descoberta, ao conhecimento do seu Eu, acarretando um equilíbrio do desenvolvimento mental.

Algumas escolas, no entanto, ajudam no bloqueio do desenvolvimento da criatividade, colocando na cabeça dos alunos uma linha deturpada de pensamento, como o pessimismo e o conformismo, a falta de esforço pessoal, critérios e julgamentos estereotipados. Talvez isso ocorra pelo tipo de conhecimento e informação que, por sua vez, foi embotada na cabeça do professor, quando aluno.

Como incentivar a produção criadora? Uma das técnicas é partir do princípio da “suspensão do juízo”, deixando de lado a inibição e a crítica de qualquer idéia, com o objetivo da busca livre e sem preconceitos já estabelecidos, podendo, desta forma, obter-se uma melhor avaliação. Outra técnica, proposta por Gordon, é a “criatividade operacional”, onde se



devem explorar todos os possíveis aspectos do problema, da maneira mais simples e mais ampla possível, para que se possa chegar à melhor solução.

Penso que a criatividade não deve ser vista simplesmente como uma busca da melhor forma de se resolver um problema, e sim como uma realização pessoal, a livre expressão do que se sente e do que se pensa, uma exposição de idéias interiores. Por este motivo, devem os educadores, conduzir a espontaneidade da criança a uma evolução num sentido criador, não esquecendo que imaginação sem avaliação é pior do que o inverso.

A escola deve tentar fazer com que o aluno combine o esforço de pensar com o de aprender, tornando-o sensível aos estímulos do ambiente, ajudando-o a sentir o que está à sua volta, encorajando a manipulação de objetos e idéias - o que desencadeia o desenvolvimento das próprias idéias, dando importância à avaliação do pensamento produtivo, pois este só é produtivo se for avaliado.

Como educadores, deveríamos constantemente nos indagar: “como proporcionar aos alunos mais oportunidades para desenvolver o seu pensamento produtivo?” “Qual o papel do pensamento crítico relacionado à produção criadora e, conseqüentemente, à sua produção individual?”

“Como fazer com que o aluno descubra desde cedo a sua potencialidade criadora?” “Como facilitar para o aluno o desenvolvimento de sua criatividade, no lugar de bloqueá-la ou inibi-la?”

Deve-se praticar a Arte para que se possa atingir a perfeição e, para isso, não podemos separar a Arte do resto do mundo, como se esta pertencesse a um mundo isolado, à parte da vida do indivíduo. Para que seja apreciada, a Arte tem que ser praticada e deve resultar de um aprendizado íntimo.

Quem educa deve direcionar os interesses de seus educandos a um “crescimento individual” e a um “convívio social”. Já que encontramos em qualquer criança algum tipo de dote artístico, temos na Arte um instrumento eficaz para esse fim e, inclusive, para o ajustamento de alunos com dificuldades e/ou deficiências. Devo ressaltar a importância da **espontaneidade** em todas as formas de educação - e o que pode ser mais espontâneo do que uma produção criativa?! A Arte, na sua espontaneidade, possui enorme valor educativo. E sendo a Arte um modo de educar, haveria algo melhor do que a prática artística?!

Acredito que os indivíduos produtivos criadores tendem a ser mais entusiasmados, rápidos, imaginativos, possuindo um maior interesse teórico e acadêmico pelas novidades: são mais abertos e receptivos. Precisamos ajudar nossos alunos no desenvolvimento de: idéias e ações criativas, crítica construtiva, aquisição de conhecimentos em vários campos, tornando-os sensíveis aos estímulos do ambiente e dando-lhes coragem para que possam manipular objetos e pensamentos.

A performance criativa independe da intelectual, pois a criatividade está fora do domínio unicamente da inteligência.

## 5 - Uma Proposta Coerente

*“A ação educativa só forma quando transforma.”*

Nilda Teves

As teorias pedagógicas vêm enfatizando a necessidade de que se parta da realidade do aluno; os objetivos, os métodos, a avaliação, enfim, nada pode ser estranho a essa realidade. Sendo assim, é preciso que se esclareça o que é a “realidade do aluno”: “como totalidade, a realidade é sempre síntese do processo no qual se dialetizam fatos e interpretações múltiplas desses fatos.”<sup>11</sup> . Dessa forma, o Homem pode apreender diversos

---

<sup>11</sup> TEVES, Nilda.. O imaginário na configuração da realidade social. In - - - e outros.

*Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryph, 1992. p.5

tipos de realidade, que podem ser interiores ou exteriores a ele, como as emoções ou as crenças. A realidade do indivíduo é construída e vivida socialmente.

Segundo Nilda Teves, o corpo humano não é uma máquina. O Homem não usa seus sentidos como um animal irracional, ele sente humanamente as coisas do mundo. Como, por exemplo, o ouvido é natural, entretanto, a forma de se escutar o mundo é que pode e deve ser desenvolvida socialmente. O Homem deve avaliar aquilo que escuta, fazendo dessa ação uma atividade racional. Nada tem um só significado, o que se tem é a idéia da coisa; e uma mesma coisa pode nos transmitir diversos sentimentos. Assim sendo, quando se estuda a realidade do aluno, tende-se a perceber muito mais o que ele não tem, do que, o que ele possui, pois é fácil detectar a miséria existente, mas muito difícil conseguir explicar o significado dessa vida miserável para esse aluno. É importante compreender as atitudes dos alunos frente a essa realidade e, buscar meios de trabalhar com ela, ou a educação torna-se uma grande mentira.

Nós, educadores da Escola Pública, dignos de uma denominação tão nobre, devemos fazer algo para reverter esse processo de alienação cultural. Como fazer isso? Não é tão difícil dar a essas crianças a

oportunidade de experimentar pelo menos **uma** dentre as diversas formas de Arte. As dificuldades que possam ser encontradas ao levá-las para visitar um museu ou um teatro não representam nada, comparadas ao bem que isso lhes pode fazer, isto é, ao enriquecimento existencial que o contato com a pintura ou a peça teatral pode lhes proporcionar.

Devemos modificar essa Escola já decadente, sem condições estruturais, onde os métodos de ensino já estão ultrapassados, onde os professores já não são mais educadores (por razões e/ou motivos que não cabem nos estreitos limites deste trabalho). Onde, principalmente, os alunos, descrentes, só vão em busca de um diploma que tem pouco valor real.

Acredito que somente através da Arte consigamos transformar com dignidade e criatividade o *status quo*, compreendendo que “a ação educativa só forma quando transforma”.

## 6 - A Teoria

*"O verdadeiro objetivo da educação como o de qualquer outro processo moral, é a geração de felicidade."*

William Godwin

Herbert Read, fazendo uma análise das teorias de Platão, aponta em seu livro *A redenção do robô* as idéias Platônicas a respeito da educação através da Arte. Ele afirmava que as artes deveriam constituir as bases da educação. Seu objetivo não era dedicar mais tempo às artes, e sim, fazer das artes uma fonte integradora, uma base sólida para a educação.

Para Platão a Arte é um modo de educar, não como matéria de ensino, mas como método de aprendizagem de todas as matérias. Ele descreve com grande detalhamento psicológico, os efeitos exatos do ritmo e da harmonia sobre uma mente em desenvolvimento. Entretanto, não atribui essas qualidades apenas à música, como na maioria das vezes se julga, ao se discutirem as suas idéias educacionais. Ele afirma que essas mesmas qualidades entram nas pinturas e em todas as outras artes manuais, assim como nos corpos vivos e em todas as plantas, pois em todas essas coisas a graça e a falta de graça encontram seu lugar. A falta de graça, ritmo e harmonia está intimamente ligada com o “mau estilo” e o “mau caráter”.

Essa forma educacional proposta por Platão fará com que se instale na criança não somente uma graça e harmonia, que lhe dará uma “postura nobre” mas também “caráter nobre”; não apenas um corpo gracioso, mas também, um “espírito moderado”. O objetivo dessa educação é associar sentimentos de prazer com o que seja bom; e sentimentos de dor, com o que seja mau. A função da educação é promover uma vida de boa qualidade.

É possível que a experiência educacional proclamada por Platão seja até bastante difundida, em outros países. No Brasil, entretanto,



em-se tratando de educação pública, não tenho conhecimento de qualquer proposta significativa, que se nortearia por esses princípios. (Exeção se faz ao projeto pedagógico dos Programas Especiais de Educação Pública, do Estado do Rio de Janeiro, que, no entanto, não foram operacionalizados por razões diversas, sofrendo interrupções e descaracterizações contínuas).

Em nosso país, a maioria da população não tem acesso a diferentes manifestações artístico-culturais, tais como: artes cênicas, música, literatura, artes plásticas, dança, etc. Por que isso acontece? Diante do quadro econômico, político e social brasileiro, sobre o qual não nos cabe discorrer aqui, a maior parte do nosso povo tem que optar entre “consumir” artes, freqüentando os espaços culturais pertinentes, ou alimentar-se, vestir-se, habitar, etc, que, entre outras coisas, são consideradas necessidades básicas do ser humano. Entretanto, a Arte e o conhecimento, também são necessidades fundamentais do homem. As diversas formas de Arte também são um meio de aprimoramento pessoal e principalmente de educação.

Num país com tal conjuntura, a Educação através das artes deveria ser um imperativo nacional, um meio de suprir esse grave *deficit* cultural da sua população, que, desse modo poderia aspirar a uma vida melhor e mais equilibrada.

Se “a função da educação é promover uma vida de boa qualidade” e se, como pensa Platão, a Arte é um modo de educar que leva o educando a desenvolver a “graça” e a “harmonia”, que lhe confere uma postura e um caráter nobres, assim como um “espírito moderado”, tal modo de educar deveria ser cultivado nos países, onde as questões de ordem econômico-político-social não permitem o livre acesso da população às artes. Porque, se assim fosse, se houvesse determinação e investimento do Estado nesse sentido, sem dúvida alguma, o povo desenvolveria a sua capacidade crítico-criativa e encontraria, mais facilmente, os meios de superar suas necessidades, promovendo uma melhor qualidade de vida: seria muito mais independente.

O fato de o Estado não assumir uma postura desejável no campo educacional, não deve ser um impedimento para que os Profissionais de Educação deixem de tentar modificar esse quadro, através de uma prática pedagógica mais conseqüente.

O problema está em fazer com que o professor de 1ª a 4ª série, tome consciência da necessidade emergente de um trabalho de Arte-Educação, e passe a utilizar a Arte como fundamento da educação, e as

artes, em suas diferentes manifestações, como **meio**, no processo educacional. A educação só se efetiva quando transforma, não só o aluno, como todas as pessoas que estão envolvidas nesse processo: podemos avaliar qualitativamente a atividade humana, através do que o Homem produz e cria.

## 7 - A Prática

*“Nada está na inteligência, que antes não  
tenha estado nos sentidos.”*

Stº Tomás de Aquino

É voz corrente que mesmo que as pessoas das classes mais carentes tivessem a oportunidade de algum dia ir a um museu, ou a um teatro, elas não gostariam da exposição ou da peça teatral, por não estarem acostumadas a freqüentar esse tipo de lugar ou por não terem o hábito de assistir a mostras artísticas. Será que isso é verdade?

Digamos que levássemos um lixeiro a uma exposição do Bispo<sup>12</sup>, realizada no Museu de Arte Moderna (MAM), onde o artista utiliza como material de sua obra sucata, objeto este com o qual um lixeiro lida diariamente em seu trabalho, e muitas vezes o faz com nojo e vergonha. Este mesmo lixeiro, vendo este tipo de exposição, teria mais condições de valorizar sua profissão, quem sabe até de melhorá-la, já que alguém faz arte com aquilo que ele tanto conhece e com que, muitas vezes, sente-se humilhado em lidar.

Vejamos ainda mais, se um pintor de paredes fosse a uma exposição no Museu Nacional de Belas Artes e, lá, visse todos aqueles quadros, feitos com material de extrema semelhança com o que ele utiliza constantemente, quem sabe ele não conseguisse fazer o seu trabalho com mais satisfação e prazer?!

---

<sup>12</sup> ROSÁRIO, Arthur Bispo do. Um artista plástico esquizofrênico paranóide, que ficou internado na Colônia Juliano Moreira, por mais de 50 anos, onde morreu em 1989. Usou a loucura como “instrumento de defesa da instituição” e seu trabalho como meio de manter sua identidade e individualidade, mostrando a potência criativa inata em cada indivíduo. Seus trabalhos eram feitos com sucata, objetos doados, fios de suas roupas como interno, etc. (*O Globo*, caderno Rio Show, 15/2/93).

Não é somente através de sua valorização profissional que o homem se realiza, embora seja esta a intenção do sistema capitalista (o homem vale, quanto vale seu trabalho, ou quanto seu dinheiro pode comprar), é também, através da sua valorização pessoal. E para um indivíduo poder se valorizar como pessoa, é preciso que lhe seja oferecida a oportunidade de poder valorizar-se. Para que isso aconteça, nada melhor do que a explosão da criatividade através da Arte.

Para um adulto, talvez seja praticamente impossível esse resgate pessoal: devido às suas condições de vida, essas pessoas possuem tantos problemas em suas mentes, são tão exploradas pela classe dominante que já não lhes sobra tempo, sequer para dormir em paz, tendo em vista que cada dia seguinte será mais uma luta na tentativa desesperada de conseguir sustentar sua família.

Mas por que não salvar as crianças de hoje, sabendo que elas serão os adultos de amanhã, os mesmos adultos a que me referi, só que em maior número, com maiores dificuldades, com mais violência e em situação mais precária, já que a cada segundo cresce a miséria e diminuem as condições dignas de vida?!

Sabemos também que as crianças têm uma vida de muitos problemas, muitas vezes tendo que trabalhar para ajudar seus pais, quando os têm, ou se ajudarem a si mesmas. Grande parte delas frequenta a Escola Pública, apesar da decadência da mesma, sendo esta a última esperança de melhoria de vida para muitas. Mas a realidade é bem outra, em vez de a criança encontrar na escola uma aliada na sua tentativa de crescer dignamente, esta só faz puxá-la para baixo, menosprezando sua inteligência e capacidade criativa, sua família, seus hábitos, forma de falar, enfim, toda a sua cultura, tudo o que diz respeito a essa criança já tão massacrada pela injustiça social latente em nosso tempo.

De que maneira pode o professor, consciente da sua função, superar essas dificuldades? De que práticas poderá utilizar-se para efetivar aqueles princípios pedagógicos apontados por Platão?! Uma experiência concreta vem demonstrar que nem tudo está perdido!

Nesse ponto, cabe retornar àquela indagação: como reverter esse processo de alienação cultural imposto às nossas crianças? Como salvá-las? É claro que a resposta que vislumbro é a Arte, a Educação através da Arte: um trabalho de Arte-Educação, uma prática pedagógica centrada na Arte, como um foco irradiador.

Assim pensando, busquei um rumo para concretizar tal proposta e verifiquei que através de visitas e exploração dessas visitas - já que, é claro, não bastam as visitas pura e simplesmente -, o professor poderá retirar muitos temas a serem trabalhados, temas esses interessantes e de fácil compreensão da criança, uma vez que através da Arte ela será capaz de desenvolver plenamente a utilização dos sentidos, sendo toda ação criadora dinâmica e, conseqüentemente, sujeita a transformações.

Essas visitas serão seguidas de trabalhos “artísticos” realizados pelas crianças dentro da escola, com elaboração de poemas, músicas, peças de teatro, pinturas, desenhos, esculturas.

Buscando realizar aquela proposta de uma educação transformadora através da Arte, desenvolvi um trabalho experimental, a partir do exercício do magistério em escola pública do município do Rio de Janeiro, ao longo de três meses, no ano letivo de 1994.

A escola em questão foi o Centro de Educação Municipal Presidente João Goulart situado à Rua Alberto de Campos, nº 12, em



Ipanema, integrando o 3º Distrito de Educação e Cultura (E/DEC)<sup>13</sup>. A experiência se efetivou em quatro (04) turmas da 1ª série do 1º grau, com vinte e oito (28) alunos cada uma, na faixa etária de sete (7) a nove (9) anos.

Inicialmente previstos três (3) blocos de experimentos, cada qual centrado especificamente numa determinada arte (música, artes cênicas e artes plásticas), somente um (1) bloco se concretizou, em virtude de problemas tais como a greve dos professores municipais ou a dificuldade de conseguir ingressos para salas de espetáculos, ou, ainda, a impossibilidade de conseguir transporte especial. Composto por cinco (5) experimentos, desenvolvidos em períodos de quatro horas e meia, duas vezes por semana, com uma turma de cada vez, de tal modo que as turmas eram atendidas quinzenalmente.

Além dos recursos humanos, que envolvia as crianças, a professora, um funcionário de apoio (acompanhante), um guia, foram utilizados os seguintes recursos materiais:

- sala de Dança (com espelho).
- sala de aula.

---

<sup>13</sup> Atualmente denominado Coordenadoria Regional de Educação (CRE)

- papel pardo.
- lápis de cera.
- lápis de cor.
- museu Nacional de Belas Artes.
- gravuras de quadros famosos.
- cartolinas.
- guache.
- pincel.
- colchões.
- fita crepe.
- cola.

## 8 - Experimentando

*“Criatividade como a descoberta e a expressão de algo que é tanto uma novidade para o indivíduo criador, quanto uma realização por si mesma.”*

Margaret Mead

### 1º Experimento

Foi desenvolvido na sala de dança da escola, que possui uma de suas paredes espelhadas e colchões. Logo ao entrar na sala, as crianças ficaram dispersas querendo correr, escorregar e brincar diante do espelho, mas não foi difícil chamar a atenção deles. Tratava-se de uma atividade de sensibilização, onde inicialmente houve um relaxamento com o corpo; em

seguida foi contada uma história, durante a qual os alunos representavam as sensações existentes na mesma; logo após, foram realizados dois exercícios, nos quais as crianças tiveram contato corporal umas com as outras; e, por fim, um relaxamento, com exercícios de respiração.

Todos tiraram os sapatos e sentaram-se em círculo sobre os colchões arrumados lado a lado, onde cada um disse o seu nome e os dos seus vizinhos de ambos os lados. Pedi que todos, sentados, movimentassem seus corpos como se eles estivessem bem moles; de repente, “estátua!”. Todos ficaram imóveis. Repetimos esse procedimento duas vezes. As crianças acharam muita graça. Na última vez que ficaram imóveis, pedi que elas começassem a acordar primeiro seus dedos das mãos, depois as mãos, tudo bem devagar, depois os braços, os dedos dos pés, os pés, as pernas, os olhos, o pescoço, enunciando todas as partes do corpo. Nesse momento, as crianças estavam se mexendo tanto, que pareciam querer quebrar-se, embora estivessem sentadas.

Quando todo o corpo já estava acordado, pedi às crianças que entrassem “dentro” da história, demonstrando tudo o que acontecia com elas, e comecei a contar. “-Nós estávamos passeando pela floresta, andando bem devagar (andar), olhando as flores que nasciam bem pequenininhas, no

chão, dos dois lados do nosso caminho (olhar para baixo, de um lado para o outro); elas eram tão cheirosas! (sentir o cheiro); também havia árvores de um lado e do outro, mas elas eram tão altas que não conseguíamos alcançar (olhar para o alto e tentar pegar as árvores). Nós já estávamos cansados (cansaço), suados e com muito calor (quente). De repente, começou a trovejar, a chover; nós ficamos com muito medo (medo); começou a ventar e a fazer um frio danado! (frio). Foi quando vimos um castelo, batemos na porta (movimento de bater na porta) e o rei veio abrir. Ele nos deu uma toalha para nos secarmos da chuva (movimento de secar). Ele nos convidou para sentar e comer (sentar e comer). Nós nos divertimos muito, mas parou de chover; então, despedimo-nos do rei (tchau) e fomos para nossa casa”.

Durante a interpretação da história, algumas crianças implicaram com os amigos, empurrando e correndo, mas as demais não deram muita atenção, pois estavam realmente **dentro** da história.

Depois da história, as crianças se deitaram uma ao lado da outra, de barriga para baixo. Com a minha ajuda, uma criança de cada vez passou rolando sobre as outras. Na segunda etapa de contato corporal, as crianças se deitaram intercaladas, cada uma com a perna para um lado e com as mãos para cima. Nesse momento, com a minha ajuda, passou uma

criança de cada vez, sendo carregada pelos amigos. No início da primeira etapa, houve um pouco de tumulto, pois algumas crianças queriam deitar-se ao mesmo tempo; outras queriam se jogar por cima das que já estavam deitadas; outras, ainda, corriam: foi um pouco difícil começar! Já no início da segunda etapa, houve menos confusão, pois elas queriam fazer logo o outro exercício. Mas, mesmo assim, houve uma certa bagunça. As duas atividades foram uma festa: eles riam, gritavam, enfim, adoraram.

Finalmente, foi feito um exercício de relaxamento, onde as crianças se deitaram espalhadas pelos colchões e fecharam os olhos, respirando bem fundo; sentiram o ar entrando no nariz; sentiram o ar entrando e passando pela garganta, pela barriga, pelo corpo todo. Para iniciar essa atividade, demorou um pouco, pois eles estavam bastante agitados com a anterior; mas, depois que se acalmaram, conseguiram fazer o relaxamento. Pedi que as crianças abrissem os olhos bem devagar, como se estivessem acordando, se levantassem bem devagar e colocassem os sapatos. Não foi tão devagar quanto o esperado!

## 2º Experimento

Foi realizado na sala de aula. As mesas e as cadeiras foram encostadas nas paredes. Foi o primeiro contato com a produção artística. Inicialmente os alunos andaram devagar pela sala, observando o espaço; depois, ainda andando, falaram seus nomes, idade e cor preferida. Os alunos sentaram-se em círculo e fecharam os olhos, enquanto eram presas gravuras na parede e, ao mesmo tempo, era feita uma sensibilização oral. As crianças abriram os olhos e tiveram liberdade de caminhar pela sala, olhando cada gravura cuidadosamente. Enquanto isso, fui falando para que eles observassem e tentassem sentir o cheiro, o barulho, as cores, a temperatura, enfim, que sentissem tudo o que viam nas gravuras<sup>14</sup>. Depois disso, as crianças novamente sentaram-se em círculo, enquanto as gravuras eram retiradas. Sentei-me também e conversamos sobre o que aconteceu, sobre o que viram e sentiram. Chamei a atenção também para os títulos das gravuras e os nomes dos autores. Finalmente, foram espalhados, no centro da sala, lápis de cera e lápis de cor e as crianças sentaram-se em volta; a cada uma, foi dada uma folha (de papel kraft tamanho ofício). Pedi para que eles

---

<sup>14</sup> Foram utilizadas gravuras que reproduziam obras de arte de autores famosos (Picasso, Di Cavalcanti, Van Gogh, Renoir, ...)

tentassem colocar no papel tudo o que sentiram enquanto olhavam as gravuras.

As crianças entraram e pedi para que elas passeassem pela sala, observando o espaço. Em seguida, pedi que cada uma falasse o seu nome bem baixinho várias vezes, todos juntos; depois, suas idades, da mesma forma; e, por último, a cor preferida. Este momento foi bastante rápido, porque as crianças tentavam gritar umas mais alto que as outras, por mais que eu pedisse para falar baixo.

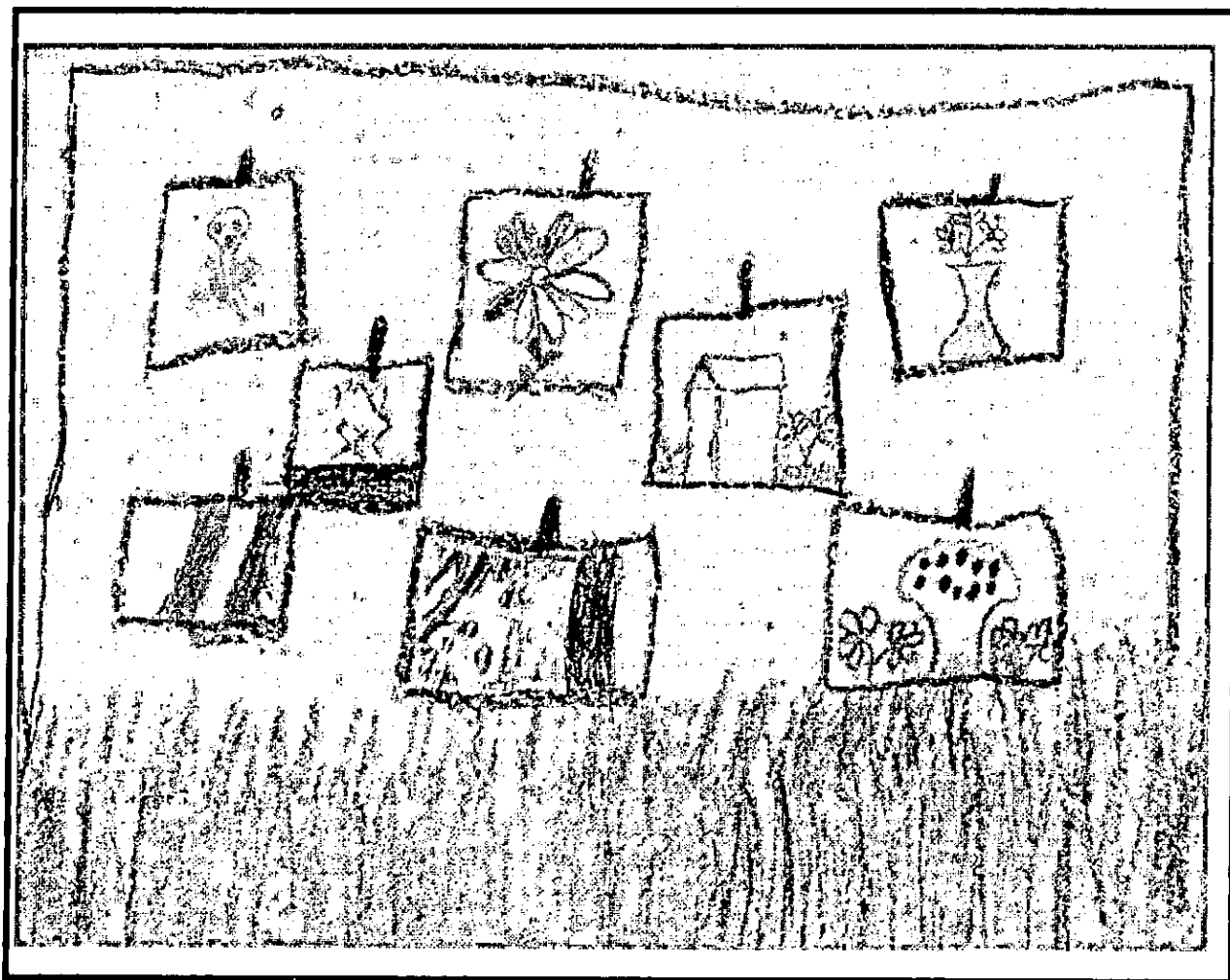
Fizemos uma roda e nos sentamos no chão. Pedi que as crianças fechassem os olhos e comecei a prender as gravuras nas paredes enquanto lhes dizia que pensassem em como deve ser um museu e se imaginassem dentro dele. “Como é o museu?” “O que você está fazendo dentro dele?”. Pedi que abrissem os olhos, se levantassem e começassem a caminhar pela sala, observando todas as gravuras cuidadosamente (explicando que aqueles não eram quadros, e sim cópias das pinturas originais): “-Prestem atenção nestas gravuras, vamos ver e tentar sentir o cheiro que as flores que estão nelas têm; se está fazendo calor ou frio; qual o barulho que a onda do mar está fazendo; o que as pessoas estão falando, se elas estão alegres ou tristes; que gosto estas frutas têm; aonde este caminho



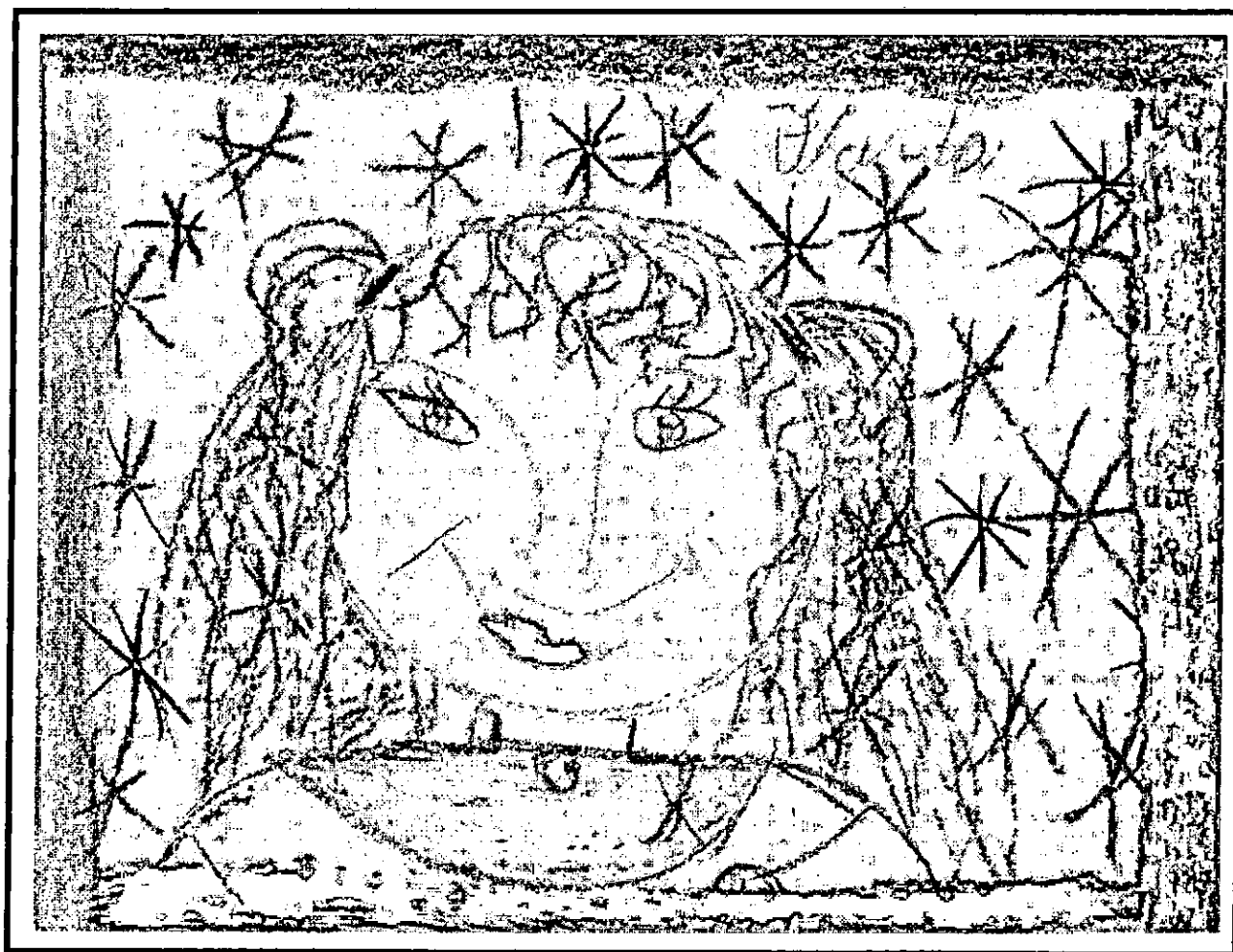
leva; que música esta bailarina está dançando; que barulho este cavalo está fazendo.”

Ao terminarem de ver todas as gravuras, fiz com que voltassem ao círculo onde estavam antes. Quando todos estavam sentados, pedi que fechassem os olhos e tentassem se lembrar de tudo o que viram e sentiram enquanto olhavam os quadros. Enquanto isso, as gravuras eram retiradas da parede. Nesse momento foi difícil fazer com que as crianças ficassem de olhos fechados (talvez tocados pela curiosidade: antes, surgiram gravuras na parede; agora, o que poderia aparecer?).

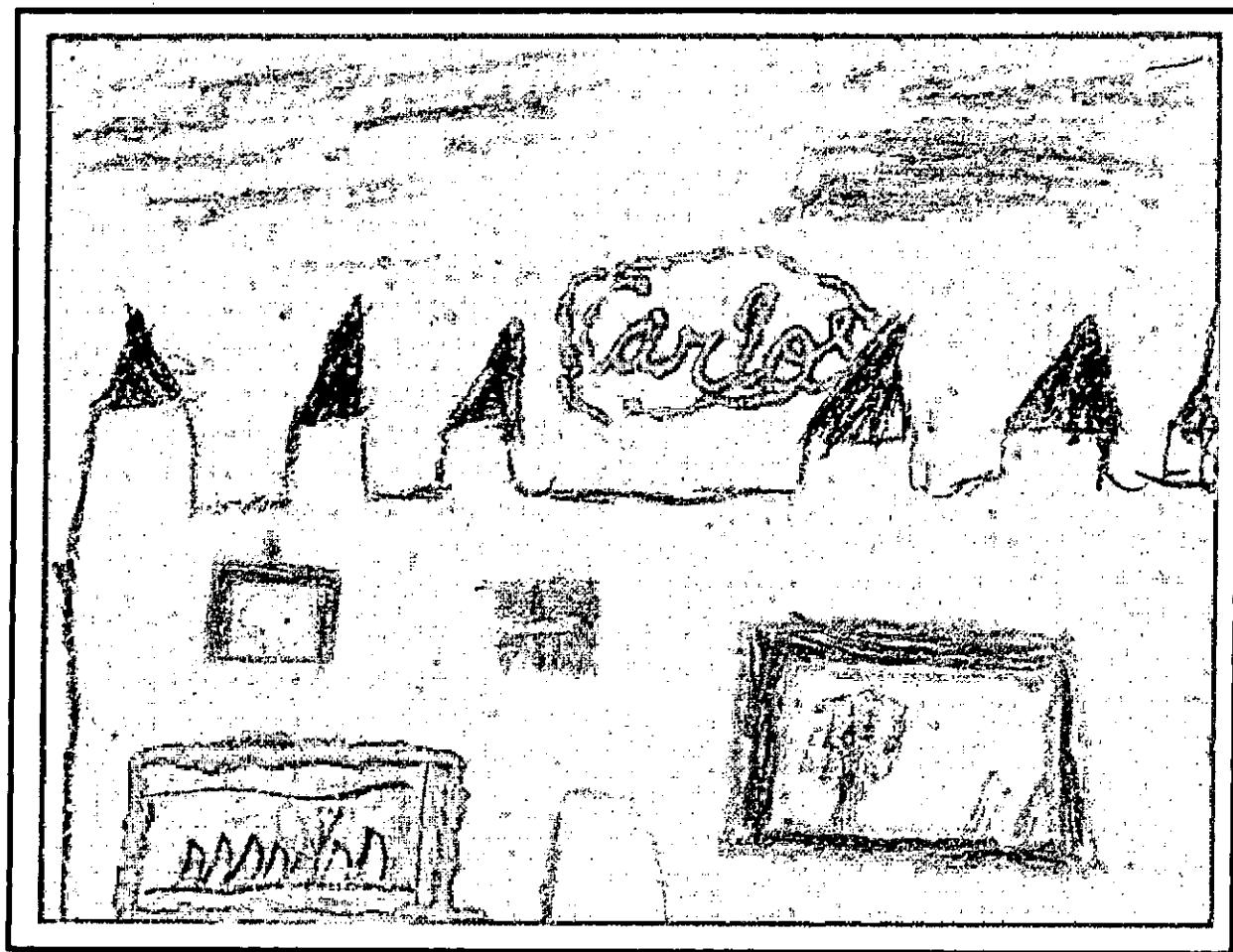
Sentamos em roda e falei os nomes dos quadros e dos seus autores. Pedi que contassem o que eles viram e perceberam. Cada aluno falou um pouco, entretanto, uma criança se destacou, pois contou a história de uma gravura, com coisas que não estavam visíveis, senão em suas sensações. Por fim, espalhei os lápis no chão e distribuí as folhas pedindo que tentassem colocar no papel tudo o que sentiram e perceberam. As reproduções das páginas seguintes ilustram o resultado deste experimento.



Trabalho da aluna Vânia, turma 101. Tamanho original A4.  
Reprodução da "mini-exposição" de gravuras organizada pela professora na sala de aula.



Flávia, turma 102. Tamanho original A4.  
Reprodução de um quadro figurativo.



Carlos, turma 101. Tamanho original A4.  
A concepção de um museu com seus quadros - associada à idéia de um castelo  
(talvez por sua imponência, suntuosidade e clima de mistério).

### 3º Experimento

Realizou-se na sala de aula, só que desta vez, as cadeiras e as mesas estavam arrumadas em semi-círculo. Foram mostrados os trabalhos feitos por eles no experimento anterior. Solicitei, então, que cada um contasse a história do seu desenho; depois criamos uma história coletiva, que foi registrada.

As crianças entraram na sala e se sentaram. Fui mostrando desenho por desenho, dizendo quem havia feito. Elas achavam muito divertido ver seus desenhos novamente, no centro de uma atividade: estavam muito motivadas. Depois pedi que cada criança contasse a história do seu desenho. A maioria contou, entretanto, algumas se sentiram encabuladas e não quiseram falar.

No momento seguinte, os trabalhos foram presos, um ao lado do outro, na parede, e pedi que tentássemos montar uma história utilizando todas as gravuras, como em um livro, com desenhos. Enquanto falavam, eu ia registrando. Depois de pronta, li a história para os alunos e a prendemos na parede da sala. Esta é uma das histórias - a da turma 101:

Um dia a menina foi passear no mato, ela viu muitas flores e árvores, que eram muito bonitas e grandes. Depois ela foi pra casa dela, encontrou suas amiguinhas e foram dançar na casa dela. Ficou de noite e ela foi dormir no quarto e pediu pra Deus rezar para sua mãe e pro seu pai. Aí ela sonhou que tava tudo colorido e de muitas cores e muito claro e alegre. A menina acordou e veio o cachorro correndo pra falar com ela, quando ela foi tomar café tinha muita comida, tinha maçã, tinha melancia, tinha uva, tinha um prato muito cheio de coisa. Depois ela foi pra escola porque tinha que ir passear no museu com a tia e os outros colegas. Lá era grande e tinha muitos quadros grandes e uma escada grande e a estátua era grande. Lá tinha muitos quadros grandes que ficavam na parede e não podiam cair.

## 4º Experimento

Visita ao Museu Nacional de Belas Artes: uma visita orientada.

As crianças ficaram impressionadas com o tamanho do prédio e o tamanho de alguns quadros. Queriam saber como conseguiram colocar quadros tão grandes lá dentro. Também fizeram alvoroço com o nu, apesar de já terem visto em atividades anteriores. A visita foi bastante tranquila, elas perguntavam sempre quem havia pintado e qual o nome do quadro; prestaram bastante atenção em tudo. Perguntaram, inclusive, “se a estátua era de verdade”, foi impossível controlar os alunos, para que não tocassem nas estátuas, mesmo depois das explicações de como uma estátua é feita, tentavam olhar por baixo do suporte (pedestal), talvez com a esperança de tentar encontrar algo, numa clara demonstração de vivência de uma fase ainda concreta, na qual o Real e o Imaginário podem confundir-se, onde Vida e Arte (criação) são uma só coisa.

Na exposição do século XX, eles acharam engraçadas algumas obras abstratas, tanto quadros como esculturas, e com uma delas brincaram de descobrir o que era, disseram que era alface, polvo, bicho, monstro, maluquice, etc. Fizeram uma observação muito interessante, que as obras

mais modernas eram mais claras e mais alegres que as antigas. Elas ficaram encantadas e aproveitaram bastante. Exercitaram brilhantemente a sua imaginação e a sua percepção, assim como a sua capacidade crítica (de análise e de valoração). Com este tipo de trabalho foi muito mais fácil e espontâneo, tanto para os alunos, quanto para mim, trabalhar alguns conceitos que nos parecem difíceis de serem adquiridos. Foi uma experiência enriquecedora!

### **5º Experimento**

Também foi desenvolvido em sala de aula, com as mesas e as cadeiras arrumadas em grupos de quatro. As crianças realizaram uma atividade criativa de pintura com cartolina e guache, tentando colocar no papel tudo o que vivenciaram durante a visita ao Museu.

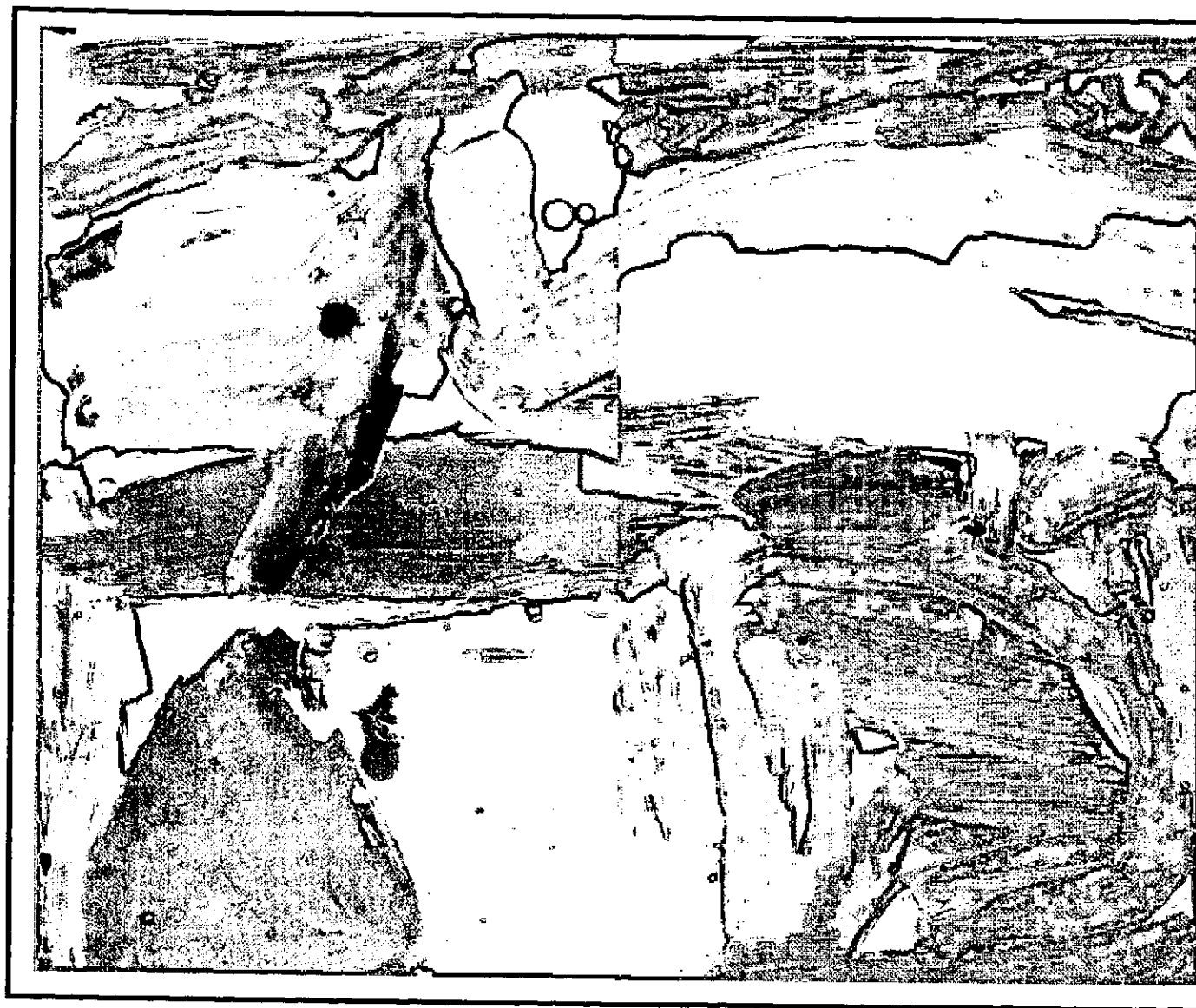
Quando entraram na sala, dividiram-se em grupos de quatro numa mesa, para trabalhar. Foi um trabalho livre, onde cada criança recebeu metade de uma folha de cartolina, e cada grupo, seis cores de tinta, pote com água, pincéis de cinco espessuras e um pano. As crianças pintaram do jeito que quiseram, saíram desenhos do museu, de quadros e esculturas do



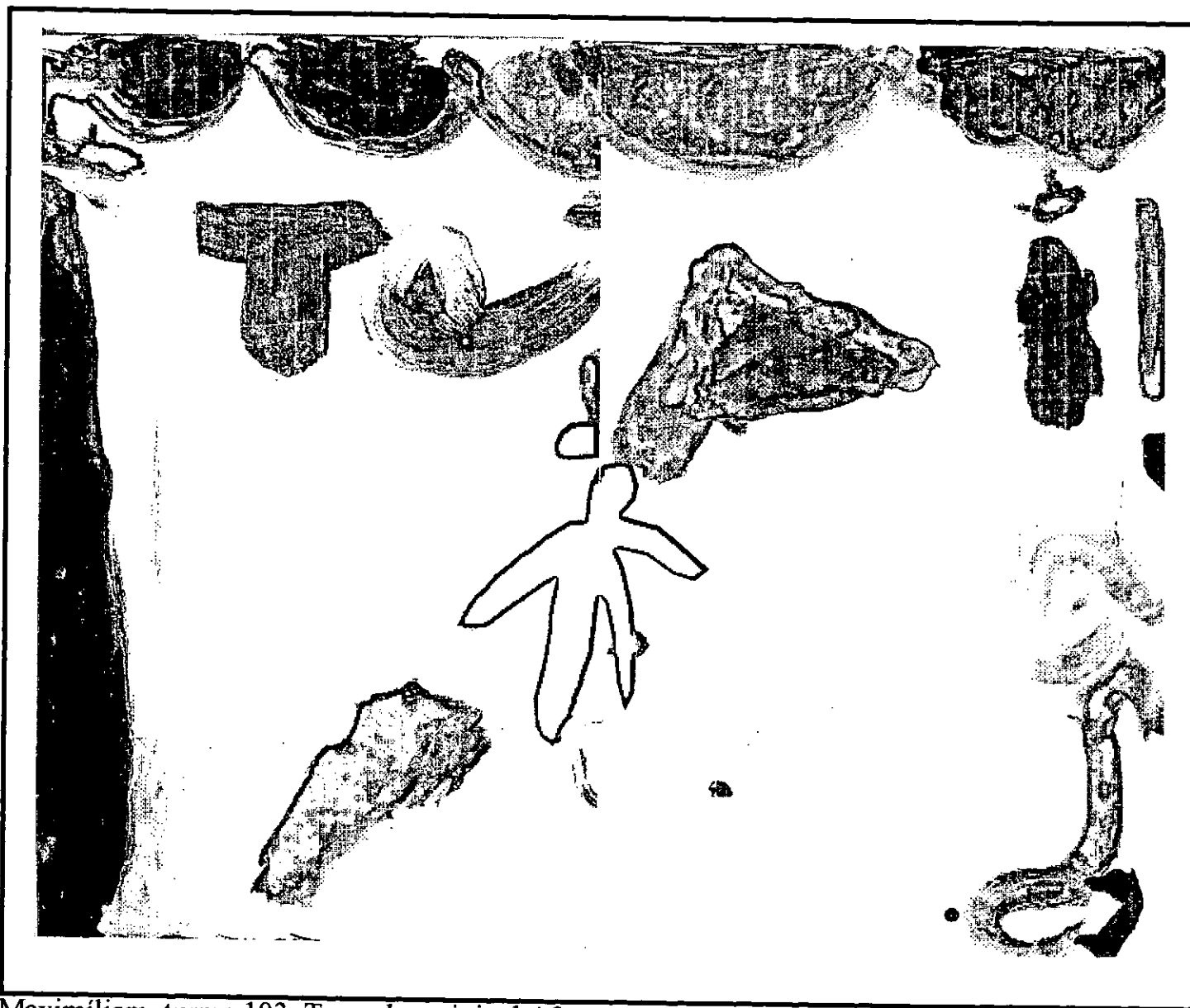
museu, desenhos abstratos, retratos, paisagens, e até natureza morta. Alguns não fizeram nada além do que fazem todos os dias, “a casinha”. Quando terminaram, limparam os potes, pincéis, mesas, enfim deixaram tudo arrumado.

A organização e o comportamento nessa atividade me surpreenderam, pois eu imaginei que a sala se tornaria o caos; entretanto, tudo foi diferente, eles organizaram todo o material, e até brigaram com quem queria começar a fazer bagunça.

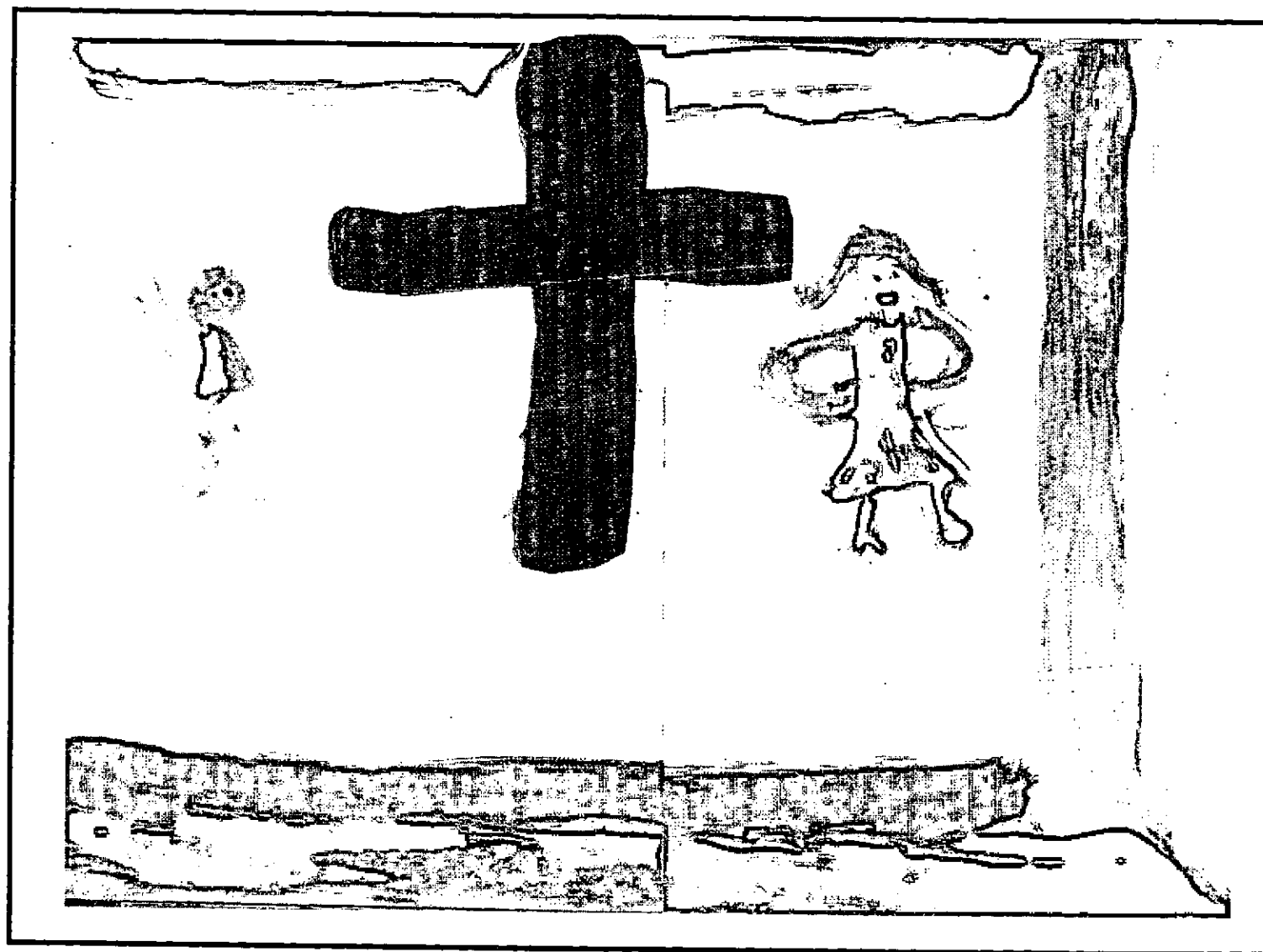
Por fim, foi montada uma exposição dos trabalhos produzidos pelas turmas, para a qual foram chamadas as demais turmas da escola. As páginas seguintes são exemplos de algumas produções.



Trabalho da aluna Ana Karla, turma 102. Tamanho original A3.  
Registro da impressão causada pelas pinturas abstratas.



Maximilian, turma 103. Tamanho original A3.  
Alusivo ao quadro *Batalha dos Guararapes*, de Vitor Meireles, que se encontra no Museu Nacional de Belas Artes.



Fernanda, turma 104. Tamanho original A3.  
Presença da religiosidade: Virgem Maria e São José.

## 9 - Avaliação da Experiência

*“Criatividade como a descoberta e a expressão de algo que é tanto uma novidade para o indivíduo criador, quanto uma realização por si mesma.”*

Margaret Mead

Pude observar, nos cinco experimentos, que houve uma grande melhora da **concentração**: o grupo me surpreendeu durante a visita ao Museu Nacional de Belas Artes; e a produção com guache, eu não podia imaginar que seria tão tranqüila e sem atritos. Entretanto, algumas crianças não conseguiram concentrar-se em momento algum, salvo raras exceções, como no experimento de criação, mas ainda assim implicavam com os

outros, tomando os pincéis, ou levantando-se, ou ainda borrando o trabalho do amigo.

Quanto à **socialização**, o primeiro experimento, foi de fundamental importância, pois verifiquei que alguns alunos não queriam deitar-se para o outro passar por cima ou vice-versa, acho que por medo de ciarem ou de se machucarem. Porém, depois que o primeiro passou, os que não queriam foram se chegando e participando: acho que confiaram uns nos outros, acreditaram que não cairiam nem se machucariam. Deixei bem claro para eles que quem não ficasse por baixo não iria por cima e vice-versa, pois eles tinham que estar dos dois lados, tanto para passar segurança ao amigo que eles estavam segurando, quanto para terem segurança ao passarem por cima. O primeiro a passar foi todo torto, quase caiu, pois os de baixo seguraram e fizeram cócegas, mas depois eles levaram a sério.

No último experimento, eles pediam os pincéis (por favor), elogiavam os trabalhos dos outros, etc. Os alunos que não conseguiam concentrar-se, citados anteriormente melhoraram um pouco a agressividade mas não o suficiente. Em compensação, os demais assimilaram a noção de grupo a tal ponto, que foram capazes de estabelecer regras de convivência,

“brigando” com eles para que se corrigissem, numa prova de amadurecimento social.

No tocante à **criatividade**, alguns alunos sentiram uma certa dificuldade em se soltar na hora de criar uma história sozinhos com seu desenho; melhoraram no momento em que esta atividade foi feita em grupo, mas, mesmo assim, alguns não conseguiram participar. Também houve dificuldade no momento da atividade criativa da pintura, pois eles já estão tão habituados a fazerem estereótipos, que não se permitem realizar nada além disso. Creio, que isso é superável, pois, afinal de contas, essa foi a primeira vez que essas turmas realizaram atividades desse tipo. Na hora de usar a imaginação, alguns alunos se dispersavam, ou imitavam os outros, mas no final a maioria já havia se soltado.

## 10 - Arte-Educação ou Educação com Arte: O Caminho

*“Toda pessoa é talentosa, qualquer pessoa  
sadia traz em seu interior a capacidade para  
desenvolver sua natureza criativa.”*

Moholy-Nagy

A experiência, na sua totalidade, aponta para algumas conclusões pedagógicas importantes, em relação a valores tais como: auto-estima, respeito mútuo, capacidade crítica, percepção, imaginação e motivação.



A **auto-estima** desses alunos (de escolas públicas, de classes sociais mais pobres, carentes, que, muitas vezes, chegam até a serem considerados miseráveis), tão discutida e causadora de inúmeras preocupações entre os professores, vem sendo deixada de lado, ou, pior ainda: muitas vezes, quando é trabalhada, acaba por reforçar a idéia errônea que os alunos têm de sua incapacidade. Através dos experimentos realizados, consegui despertar nessas crianças a auto-estima, fazendo com que percebessem e acreditassem em sua capacidade e potencialidade de realizar algo.

Com o desenvolvimento da auto-estima, chegamos a um ponto fundamental: o **respeito mútuo**. Verifica-se que a maior parte desse tipo de aluno não respeita a si mesmo e muito menos a seu próximo. Na maioria das vezes, não é respeitado como indivíduo por parentes ou vizinhos, assim como não são respeitados seus espaços, seus limites, suas vontades, enfim, sua individualidade. Como pode esse aluno respeitar alguém?! No momento em que ele vê respeitadas suas opiniões, suas produções, suas experiências, passa também a respeitá-las e às dos colegas. É vivenciando a importância de não se sentir rejeitado, que passa a ajudar e a respeitar seus companheiros.

Quando os alunos perdem o medo de expressar seus pensamentos, adquirem mais liberdade de colocar e defender suas idéias, buscando perceber os detalhes de todas as coisas, para que possam discutir com o grupo suas opiniões, sabendo ouvir e respeitar a opinião dos demais. Desse modo, desenvolvem a sua **capacidade crítica**, analisando os fatos, isto é, questionando os seus pontos negativos e positivos. Assim, estes alunos chegarão às suas próprias conclusões, deixando de ser meros agentes passivos no processo ensino-aprendizagem, para tornarem-se agentes ativos (dando os primeiros passos como sujeitos da própria História).

O aluno ativo (que desenvolveu sua auto-estima, aprendeu a se respeitar e a respeitar os outros, **percebe** as coisas que o cercam e analisa criticamente essas coisas) deixa aflorar a sua **imaginação**, sem medos de críticas destrutivas ou castrações. Uma escola que pode proporcionar tudo isso a seus alunos, torna-se agradável, **motivando-os** a freqüentá-la, apesar de todas as suas dificuldades. Essa escola formará Homens capazes de mudarem suas realidades.

Eu pensei que, no final dos experimentos todos os alunos teriam se modificado visivelmente em alguns aspectos. De certa forma, a maioria se modificou, mas nem todos e nem tanto. Isso não foi uma

decepção para mim, pelo contrário, clarificou-me a idéia de que as crianças não são diferentes, são muito diferentes, cada uma tem seu tempo, sua realidade e suas necessidades.

Mas, se por um lado, percebi tantas diferenças, por outro, verifiquei que no processo existe uma profunda identidade quanto aos resultados obtidos: através da Arte, essas crianças conseguiram desenvolver a utilização dos sentidos, sua concentração, sua sociabilidade, enfim, conseguiram desenvolver-se mais como um todo.

Para chegarem a um estágio de plenitude desse desenvolvimento, é preciso **mais**. Talvez com mais atividades similares, talvez algum tipo de acompanhamento especializado. Mas, então, seria necessário um outro projeto, com mais experiências, com uma abordagem psicológica mais profunda, com discussão de problemas de aprendizagem, ...

A Educação para a transformação - objetivo último de quem se dedica a um tal empreendimento (educar) -, a Educação capaz de formar indivíduos críticos, futuros cidadãos, gestores da sua própria História, agentes transformadores da sua sociedade; a Educação humanizada e

humanizadora é viável, pelas vias da Arte como seu fundamento, e, das artes, como meio de sua concretização.

## 11 - Bibliografia

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Quintal mágico: educação-arte na pré-escola*. São Paulo: editora Brasiliense, 1988.

CADERNOS PEDAGÓGICOS E CULTURAIS. Centro Educacional de Niterói. V.2. Janeiro/abril 1993.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971.

O GLOBO. *Caderno Rio Show*. Rio de Janeiro: 15/02/93. Matéria de Manyá Millem.

READ, Herbert. *A Redenção do Robô: meu encontro com a educação através da arte*. Tradução Fernando Nuno. Vol. 25. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

REILY, Lúcia Helena. Atividades de artes plásticas na escola. São Paulo:  
livraria Pioneira editora, 1993.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Nº130, V.59.  
Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas  
Educacionais, 1973.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Nº133, V.59  
Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas  
Educacionais, 1973.

TEVES, Nilda e outros. *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro:  
Gryphus, 1992.